



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- INGLÊS

**A produção oral do acadêmico em formação na Habilitação do
curso de Letra-inglês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP):
estudo de caso**

Macapá-AP

2013

ROGERIA ALMEIDA PEREIRA

A produção oral do acadêmico em formação na Habilitação do curso de Letra-ínglês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP): estudo de caso

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como requisito para obtenção do título de Graduação do Curso de Letras – Inglês orientado pela professora Esp. Darllen Almeida da Silva no ano de 2013.

Macapá - AP

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO E GRADUÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- INGLÊS

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Darllen Almeida da Silva – Orientadora (UNIFAP)

Prof.^a Esp. Brenda Mota– Examinadora

Prof.^a Esp. Aldenice de Andrade Couto.

Nota: _____

Data: _____ / _____ / _____

Macapá – AP

2013

Dedico este trabalho a todos que passaram pela minha vida e que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional e aquelas pessoas que sempre estiveram ao meu lado acreditando em mim mesmo nos momentos em que eu já não acreditava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, pelas oportunidades, por não permitir, a sua maneira, que eu desistisse. No início colocando como um de seus anjos, para me motivar, minha irmã Jurema, ela que me mostrou que havia um caminho melhor a ser traçado e que eu teria que buscar o meu próprio futuro, depois, meus filhos Jonathan e Suany, pois, sou um espelho de luta para eles. Ao Harlan que acreditou em mim no momento que eu estava desistindo, e me fez prosseguir, além de não poder esquecer-me daquela que é a mais importante para qualquer pessoa e para mim não seria diferente, a minha mãe pela vida, pelo amor dedicado, pela ajuda nos momentos difíceis e pelas orações.

Agradeço à Universidade Federal do Amapá-UNIFAP por proporcionar ao acadêmico o desenvolvimento do conhecimento, ao Departamento de Letras o meu sincero reconhecimento por conseguir desempenhar seus trabalhos apesar das dificuldades encontradas. Em especial, agradeço a professora Darllen Almeida da Silva que foi de fundamental importância para a produção deste projeto com sua dedicação, amizade e acima de tudo companheirismo ao ajudar a desenvolver esse trabalho com parceria. Ao meu amigo Rosivaldo Gomes que com seu grande coração e seu jeito simples nunca disse: não, não posso, ao contrário sempre tenta ajudar, apoiar e incentivar aqueles que o procuram, que Deus o ilumine e proteja sempre.

Os Sonhos transformam a vida numa aventura. Eles não determinam o lugar aonde você vai chegar, mas, produz a força necessária para alcançá-lo do lugar em que você esta.

Augusto Cury

RESUMO

Diante das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem de uma segunda língua, vale destacar o desenvolvimento das habilidades primárias (falar, ouvir, ler e escrever). Sabe-se que para o uso proficiente de uma língua estrangeira em contextos sociais, devem ser desenvolvidas efetivamente estas quatro habilidades. No entanto, encontra-se aí um grande entrave e surgem vários questionamentos acerca do “como” fazer isso? “como” proporcionar ambientes adequados para o desenvolvimento de tais habilidades? E ainda “como” incentivar o aprendiz a desenvolver sua autonomia? Trata-se, portanto, de assunto extenso e extremamente importante para os futuros profissionais do ensino de Língua Estrangeira. Assim, para que não se desdobrem os trabalhos em observações superficiais foi abordada apenas uma destas habilidades: a oral. O Trabalho buscou uma análise de caráter qualitativo sobre o modo como é desenvolvido o ensino dessa habilidade em sala de aula, na visão do aluno em formação e do profissional da área de língua inglesa no curso Letras-Inglês da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. A escolha do corpus de análise foi feita devido os alunos concluintes estarem prestes a exercer a profissão e observou-se a necessidade dos mesmos fazerem uso de tal habilidade no decorrer da carreira. No contexto da pesquisa, objetiva-se analisar duas turmas de letras–inglês que estejam concluindo a graduação e professores da área de inglês lotados na instituição de ensino em questão, utilizando como instrumento de análise a entrevista semiestruturada para discente e docente e gravações com os acadêmicos (através de entrevista) além de análise documental.

Palavras chaves: Habilidade, Oralidade, Formação, Professor, Aluno.

ABSTRACT

In face of the difficulties in the learning process of acquiring a second language it is important to point out the development of the primary abilities (speaking, listening, reading and writing). It is know that the proficient use of a foreign language in social contexts must develop these four abilities. however there is a major problem here and many questions arise about the “how” to do it, “how” provide suitable environments for the development of such skills and even “how” to encourage the learner to develop their autonomy. It is therefore extremely important and extensive subject for the future teaching professionals of foreign language. For not to unfold this work in superficial observations it will focus in only one of these skills: the oral one. The work tried to do a qualitative analysis of how has been taught this ability in the classroom, in the student’s and Professor’s view of the English Letters course from The UNIFAP. The choice of corpus analysis was made because the graduating students are ready to practice the profession and it was observed the needing of use the oral abilities in their career. In the context of the research we analyzed two classes of English Letters which are completing graduation and the area professors of English in the Institution researched, using as an analytical tool the semi-structured interview and student and professor’s recordings as well as documentary analysis.

Keywords: Skill, Orality, Training, Professor, Student

Sumário

Introdução	11
-------------------------	----

CAPÍTULO I - QUESTÕES SOBRE AS HABILIDADES

1.1- O desenvolvimento das Habilidades em LE.....	17
1.2 - Conceitos de Habilidade oral	20
1.3 – Estratégias para desenvolver as habilidades.....	21

CAPITULO II – A PESQUISA

2.1-Contextualização e Justificativa do Tema.....	23
2.2-Objetivos e Perguntas da Pesquisa	25
2.3-Metodologia da Pesquisa	26
2.3.1-Cenário da Pesquisa	28
2.3.2-Sujeitos da Pesquisa	30
2.3.3-Instrumento da Coleta de Dados	32
2.3.4-Procedimento de Análise.....	32

CAPÍTULO III – A Análise dos dados.....

33

3.1.- Análise do gráfico do formulário do Aluno	34
3.2- Análises das perguntas abertas	39
3.2.1-Formulário do aluno	39
3.2.2- Formulário do Professor	42

Considerações Finais -----44

Referencial Bibliográfico -----50

Anexos

Anexo I: Formulário individual dos entrevistados

Anexo II: Formulários de entrevistas

INTRODUÇÃO

Desde que teve início o estudo acerca da competência linguístico comunicativa do acadêmico em formação, através do autor Almeida Filho¹ (1999), que vem se observando a importância do desenvolvimento da habilidade oral para o profissional de língua (s) em formação. Pois, apesar do mesmo ter que desenvolver as quatro habilidades para uma boa execução de seu trabalho é justamente a que está ligada a oralidade que determinará a proficiência desenvolvendo e marcando o seu desempenho quanto professor de língua estrangeira. A competência oral constitui um ponto norteador na formação dos professores de Língua Inglesa, vale destacar o seguinte:

“A CLC (competência linguístico – comunicativa) se constitui na competência do professor de produzir linguagem em contextos de uso e comunicação, insumo de qualidade para que os seus alunos tenham isso como insumo útil para desenvolver produzir competência eles mesmos. No entanto, para fazer uso de uma abordagem consciente, o professor necessita desenvolver uma competência aplicada, que capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente (subcompetência teórica) permitido a ele explicar com plausibilidade porque ensina da maneira como ensina e porque obtém os resultados que obtém. Finalmente, para realizar-se plenamente como professor de línguas, imbuído de seu papel de educador, o professor precisa desenvolver uma competência profissional, pela qual ele conhecerá seus deveres, potencial e importância social no exercício do magistério na área de ensino das línguas. (Almeida Filho apud Alvarenga1999)”.

No excerto acima, Almeida Filho questiona a necessidade de o professor ter “insumo de qualidade” para que o aluno possa ter “ insumo útil” e assim venha a produzir suas competências com autonomia. Pode-se deduzir, portanto, que o professor que tem deficiência no desempenho de sua produção oral prejudica o ensino e por consequência compromete a aprendizagem do aluno. Segundo Consolo (2005) “Em situação de uso da língua, é o desempenho do falante que sugere o grau de sua proficiência, que pode ser avaliada de acordo com os vários aspectos da linguagem”, sendo assim o que se espera de um professor de Língua Estrangeira (LE) é que ele consiga desempenhar o seu papel de forma proficiente

¹ Comunicação Pessoal In: Alvarenga, 1999, p.43

no que tange à produção de sua oralidade para que possa desenvolver seu trabalho de forma satisfatória.

É fato que o indivíduo que nasce sob o domínio da Língua Materna (LM) desenvolve sua oralidade de forma natural, levando em conta que ele está no ambiente de falantes desta língua é o que afirma Almeida Filho (2002): “Com respeito à língua materna, a compreensão da língua oral se desenvolve informalmente através da interação social, verbalizada e paraverbalizada, enquanto a compreensão da língua escrita é formalmente ensinada na escola”. Na apreensão formalizada de uma língua tal situação não ocorre, pois, se estuda uma língua estrangeira, a qual não é de domínio de todos e, portanto, não é usada para interação entre os falantes em um ato comunicativo natural.

Por outro lado para o profissional em formação adquirir a proficiência oral em uma Língua Estrangeira (LE) ele terá que desenvolver certa disciplina no momento em que estiver diante do processo de aprendizagem para que consiga uma “adequada compreensão da mensagem, a retenção na memória, mediante estudo, observação e experiência na língua-alvo, da gramática, do léxico, da morfologia, da cultura e também da pronúncia correta das palavras” é o que afirma Magali Sant’Anna² (2003).

Acrescenta-se a isso o fato de o professor de LE em formação ter que, além de apreender a língua-alvo, desenvolver métodos de transmissão desse conhecimento e com isso corrobora a afirmação da autora Kaneko-Marques (2007).

“(…) o professor de LE necessita de conhecimento do funcionamento estrutural e social da língua-alvo, dos saberes das experiências e das práticas bem sucedidas, assim como de um conhecimento teórico, que o capacite a explicar sua prática pedagógica e a refletir criticamente sobre ela, buscando desenvolver maneiras e procedimentos que a tornem mais

² Magali Sant’ Ana: Mestre em Letras-Semiótica e Linguística Geral-FFLCH-USP; Licenciatura Plena e Bacharelado em Letra Língua e Literatura Inglesa PUC- SP; Coordenadora do Curso de Letras- Português-Inglês da UNINOVE

eficiente num contexto de ensino e aprendizagem, ou seja, o professor precisa adotar uma prática profissional (...).”

Vale destacar também a seguinte observação da equipe de pesquisa do ENAPLE-CCC³:

“(...) a compreensão oral se torna um passo fundamental para o desenvolvimento da produção oral, pois, não se fala o que não se compreende. Essas serão etapas que o aluno terá de superar e que de certa forma, contribuem para que o aprendizado não aconteça de maneira satisfatória”.

Outro ponto que merece observação diz respeito à realidade do professor de LE, a qual é bem ilustrada por Almeida Filho (1992) em pesquisa que teve como alvo o próprio professor de Língua Estrangeira o autor aplicou um questionário dirigido aos professores de LE em exercício da Rede Oficial do Estado de São Paulo no ano de 1980 foram professores da Grande São Paulo, Taubaté, Marília, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto ao todo foram 103 questionários respondidos, e obteve o seguinte resultado:

“O professor se formou numa licenciatura dupla em Português e uma LE, mas as capacidades linguísticas e teórico-pedagógicas resultantes dessa formação para ensinar a LE não convenceriam ninguém. Comumente, o professor não fala, pouco lê, não escreve e nem entende a LE de sua habilitação quando em uso comunicativo”.

Esse resultado é preocupante principalmente quando se pensa na qualidade do profissional que está entrando no mercado de trabalho, nas suas deficiências e nas lacunas que ele também deixará em seu futuro aluno. De acordo com Consolo (2000):

“Falar uma língua implica na construção de significados interpessoais que motivarão um maior engajamento do aluno no discurso e nas atividades de sala de aula. Esse engajamento pressupõe que os alunos assumam papéis ativos nas interações verbais, e tenham algum grau de controle sobre os tópicos tratados”.

Para que esse trabalho possa ser realizado de uma forma em que o aproveitamento desse aluno seja aceitável se faz necessário que o professor consiga ter um domínio em sua oralidade e isto deverá estar de acordo com estudos

³ ENAPLE-CCC – Grupo de pesquisa denominado “Ensino e Aprendizagem em Língua Estrangeira- Crenças, construtos e competências” cadastrado no CNPq desde 2002.

realizados na área, ou no mínimo próximo ao que os estudos nos orientam. Soma-se a isso a questão dos estilos falados por cada grupo no uso da língua como afirma Pierre Bourdieu (1996) Apud Revista Pedagógica (1999).

“Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes”.

Assim sendo o falante de LM consegue ter domínio de uma variedade de estilos desenvolvidos dentro dos grupos em que circula. No entanto, o graduando em LE terá mais esse desafio dentro do contexto de aprendizagem, pois o estudo de uma língua diferente terá uma cultura diferente com estilos também diferentes, o que demandará tempo e um esforço de compreensão para que esse aluno vá se familiarizando ao máximo com a língua a ser apreendida pelo profissional em formação e com os estilos que circulam dentro de seu ambiente de uso.

Outro ponto da questão da aprendizagem é o que Bertoldo(2005) apud Lima (2005) nos tenta mostrar sobre letramento ele afirma que “O desenvolvimento do letramento em LE é entendido como um fenômeno que não se encerra com a aquisição de um código escrito e/ou falado, para a realização de tarefas funcionais”. O desenvolvimento, deste conhecimento, vai além e perdura a cada momento que o aprendiz encontra um novo desafio, apresentado pela língua em questão, até porque a língua está em constante renovação vocabular, pois se trata de um organismo vivo e dinâmico.

Vale ressaltar que o aluno da graduação, ou seja, o profissional em formação deve ficar sempre atento a essas mudanças mesmo depois do término de seu curso e principalmente porque o processo de formação não se encerra com a conclusão do mesmo, pois o profissional de línguas precisa está atento às mudanças que são naturais em qualquer sistema linguístico.

Outro ponto da questão do ensino é a necessidade do aprendiz em desenvolver sua própria autonomia, entretanto, deve-se repensar o que seja autonomia. Segundo Littlewood (1996) há três tipos de autonomia que o indivíduo pode desenvolver: a autonomia enquanto comunicador, a qual está relacionada com o uso criativo da língua; a autonomia como aprendiz, relacionada ao uso de suas

próprias estratégias de aprendizagem e autonomia enquanto pessoa que diz respeito a expressão de significados pessoais e criação de contextos pessoais de aprendizagem. Assim, analisando esses três tipos de autonomia deve-se considerar que levar o aprendiz ao desenvolvimento delas demanda, inicialmente, uma tomada de consciência do próprio aprendiz, que por vezes aguarda da instituição e do professor todos os meios que o levem a um aprendizado efetivo. Dessa maneira a autonomia deve ser um ponto a ser observado e será retomado posteriormente no presente trabalho.

Dentro do quadro apresentado temos ainda as exigências da Diretriz Curricular Nacional, aprovada em 03-04-2001 sob o parecer do CNE CES 492-2001, a qual afirma no perfil do formando que:

“Independente da modalidade escolhida, o profissional de Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais”.

Como exposto acima o profissional em formação tem muitas etapas a serem vencidas em seu processo de formação, pois, apreender uma nova língua de forma satisfatória não é somente desenvolver a oralidade dessa língua, isso exigirá a utilização, pelo professor, de métodos e abordagens adequadas à compreensão desse aluno para que haja uma boa aquisição do conhecimento e para que possa desenvolver a sua autonomia, com relação ao aprendizado da nova língua, a fim de que o futuro profissional consiga desenvolver um trabalho de qualidade e, assim, desempenhar com segurança o papel de sua formação como professor de Língua Inglesa.

CAPÍTULO I - Questões sobre habilidades

O homem através de sua condição humana possui habilidades próprias da espécie como a capacidade de falar e ouvir, pois, são habilidades inatas ao indivíduo. Mas, além destas (habilidades) o ser humano pode desenvolver outras capacidades como ler e escrever que são formalmente ensinadas na escola. Entretanto, pesquisas desenvolvidas confirmam que os estudos na área não se limitam a estas quatro habilidades, por isso, será feita uma pequena abordagem sobre tema acima citado, será definido uma conceituação para o termo (habilidade) e uma pequena amostra sobre algumas estratégias de ensino das habilidades, desenvolvida ao longo dos estudos sobre habilidades.

1.1-Desenvolvimento das Competências e habilidades em LE.

No tocante ao ensino de uma língua estrangeira, em nosso caso a Língua Inglesa, sempre falam sobre as quatro habilidades: ler (Reading), falar (speaking), escrever (writing) e ouvir (listening). Sabemos, entretanto, que estas são habilidades básicas, uma vez que o uso comunicativo da língua requer o desenvolvimento de outras habilidades comunicativas também importantes. Boyer et Al (1990) destacam que há várias “habilidades” no ato de comunicar: aquela habilidade que se refere aos componentes linguísticos (que devem ser estendidas ao paralinguísticos: gestualidade, etc.) há também as que se referem a discurso (relativas a mensagens organizadas e orientadas por um projeto), também apontam para as habilidades de componentes referenciais (relacionadas com uma experiência “científica” do mundo) e por fim as habilidades socioculturais, as quais se referem às regras sociais e normas de interação.

No entanto, o professor de LE, dependendo de seus princípios, crenças, contexto e das condições de ensino dentro de sala está sempre fazendo escolhas e dentre estas está à questão das habilidades. Qual habilidade ensinar? Como ensiná-la? Há a possibilidade de buscar atividades que englobem todas as habilidades

necessárias para que o aprendiz possa fazer uso efetivo da língua? Tais questionamentos de certa forma acabam levando a uma escolha particular, uma vez que estão intimamente ligados às questões metodológicas.

Apesar de todas as competências, a cima relatada, serem de fundamental importância para o profissional desenvolver seu trabalho é fato reconhecer que:

“(...) sem a competência linguístico-comunicativa o professor fica sem seu principal instrumento de trabalho, pois é essa competência que ele tem a expectativa de adquirir para depois desenvolver em seus alunos e é essa mesma competência que os alunos esperam atingir” (Paiva, 2005).

O alicerce nos quais muitos professores fundamentam suas práticas pedagógicas provém da Lei de Diretrizes e Bases da educação, a LDB e cabe aqui observar, pois os futuros profissionais que as universidades, aqui especificamente os da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, oferecem ao mercado, muitas vezes iniciam suas funções na educação básica e se veem envolvidos nos questionamentos supracitados. Assim, em 20 de dezembro de 1996, a nova LDB foi publicada indicando que o princípio básico do ensino seria o “pluralismo de ideias e concepções pedagógicas” (art. 3º, inciso III), dentro de uma grande flexibilidade curricular conforme previsto no artigo 23.

“(...) A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. Desta forma corrobora para o mesmo fim o PCN de Língua Estrangeira Moderna de 1999: embora seja certo que os objetivos práticos – entender, falar, ler e escrever – a que a legislação e especialistas fazem referências são importantes, quer nos parecer que o caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Línguas Estrangeiras não pode ser ignorado”

Neste trecho da Lei há dois pontos importantes a observar: o primeiro diz respeito a liberdade dada quanto a organização sistemática do ensino, deixando espaço para que as instituições educacionais organizem seus ciclos de estudos de acordo com sua própria conveniência. Observa-se, entretanto, que as escolas seguem padrões que pouco levam em conta alguns aspectos citados, dentre os quais o da competência, a qual inclusive aparece sem que se compreenda exatamente o que vem a ser, ou sob quais parâmetros se pode discutir competência.

O outro ponto que merece destaque diz respeito à concepção estabelecida nos PCN quanto aos objetivos do ensino de LE. Observa-se claramente que se encontram aí as habilidades básicas, já comentadas neste trabalho, o qual também questiona sobre as outras habilidades intrínsecas, como por exemplo: aos que se referem ao discurso, aos componentes referenciais entre outras ao aprendizado de LE. Se os PCN indicam que se deve dar atenção a essas quatro habilidades, por que então, o professor de LE encontra-se sempre questionando qual das habilidades ensinar? Não seria fato que se deve ensinar as quatro habilidades básicas? No entanto algumas escolas propõem aulas de LE voltadas para o domínio formal da língua e nesse ponto é observado que “O problema é que para que o aluno consiga falar, ler, entender, ele precisa exercitar essas habilidades, que acabam sendo focadas nos preceitos da gramática normativa, enfatizando a norma culta e a modalidade escrita” (Larsen-Freeman, s.n. 2000).

Observa-se então, que embora pareça ser simples responder a pergunta sobre quais habilidades ensinar, não é simples, pois além da visão de muitas escolas como foi citado anteriormente estar focada no ensino formal, voltado à gramática normativa, há ainda outros motivos que provocam os questionamentos supracitados, tais como escolas despreparadas para apoiar as atividades necessárias ao desenvolvimento de tais habilidades, elevado número de alunos em sala de aula, o que impossibilita que algumas atividades obtenham êxito, além de uma carga horária que não atende as necessidades e acaba por deixar o professor espremido entre curtos períodos de atividades e avaliação em também curtos períodos bimestrais. Estes são apenas alguns fatos da realidade vivida pelo professor de LE, a qual acaba levando-o a escolha de caminhos mais “fáceis” de ensinar, ou seja, aqueles que exigem menos tempo de preparação e execução.

Tais observações realizadas aqui são pertinentes, pois o professor em formação encontrará caminhos tortuosos a sua frente e precisa estar preparado para encará-las da melhor maneira possível. Para tanto ele próprio deverá ter desenvolvido as competências e habilidades que o tornem seguro a busca-las em seus aprendizes.

1.2-- Conceito de habilidade oral

De acordo com o dicionário Mini Aurélio (2001) a palavra habilidade tem como definição “s.f. qualidade de hábil; alta habilidade... notável desempenho e elevada potencialidade de capacidade intelectual, aptidão específica, capacidade de liderança...” Apesar de ter iniciado a discussão com o conceito de Habilidade foi observado que o termo está intimamente ligado a outra expressão, “Competência”, e existe uma série de estudos desenvolvidos acerca dessas duas palavras, o que torna a análise dos conceitos um pouco complexa, já que cada autor defende um conceito. Le Bortef nos mostra um pouco dessa confusão de definições, pois para o autor habilidade é o conhecimento ou capacidade de desenvolver e a competência realiza-se na ação, no colocar em prática a habilidade que se tem.

“Todos os dias, a experiência mostra que pessoas que possuem conhecimentos ou capacidades não sabem mobilizá-los de modo pertinente e no momento oportuno, em uma situação de trabalho. A atualização daquilo que se sabe em um contexto singular (marcado por relações de trabalho, por uma cultura institucional, por eventualidades, imposições temporais, recursos...) é reveladora da “passagem” à competência. Esta realiza-se na ação (Le Bortef, 1994, p. 16).

Entrando no campo da linguística os conceitos se definirão da seguinte forma: para Chomsky segundo o qual competência significa ‘conhecimento da língua, isto é, das estruturas, regras e desempenho, o uso real da língua em situações concretas, numa construção marcadamente dicotômica’ neste conceito o autor não faz menção ao uso social dessa língua, ele ainda se refere a ela (língua) como estática sem mudanças, o que torna o conceito estrutural, obrigando o indivíduo a conhecer gramaticalmente as regras para poder fazer uso dessa língua ao comunicar-se, como se não houvesse mudanças em seu contexto de uso.

O primeiro antropólogo a acrescentar a palavra comunicativo ao conceito de competência foi Hymes (1974,1980) apud Silva (2004) e a definição que é dada a competência comunicativa é a que visa “descrever os conhecimentos que permitiriam ao participante de um evento de fala ou de letramento usar a linguagem em situação social”, isso elevou a língua a um patamar social, sujeito a mudanças.

Os autores Canale e Swain (1980) apud Silva (2004) ao reformularem o conceito subdividiram as competências em quatro tipos: competência gramatical a

qual implica o domínio do código linguístico; competência sociolinguística, que diz respeito ao conhecimento das regras sociais do uso da língua; competência discursiva relacionada a conexão de orações e frases para formar um todo comunicativo; competência estratégica a qual refere-se as estratégias de enfrentamento usadas para compensar qualquer imperfeição do conhecimento das regras. É importante ressaltar que esta divisão de competências só traria um bom desenvolvimento das competências do aluno se o mesmo ficasse exposto a todas de maneira uniforme.

Nas questões de conceito de competência é Kleiman (2002) apud Silva (2004) que vem afirmar que “a competência comunicativa é construída na interação pela participação nas situações e, por isso, ela continua desenvolvendo-se ao longo da vida do indivíduo, em função dos eventos de fala e de letramento situado nos quais o sujeito participa”.

Além de toda essa série de definições ainda tem outro complicador para a descrição do conceito que é a confusão que se estabeleceu com a noção de proficiência. O autor Stern (1987) apud Silva (2004) no contexto de ensino e aprendizagem de línguas afirma que competência é um conceito dinâmico não dicotômico como Chomsky determina e isso é percebido no seguinte trecho: “entre diferentes aprendizes, em diferentes estágios de aprendizagem de L2-LE, a *competência ou proficiência* vai do zero a competência do nativo”, ou seja, ele coloca as duas palavras como se tivessem o mesmo conceito.

O autor Taylor (1988) apud Silva (2004) tenta explicar a controvérsia em torno da definição com a justificativa de que os linguistas aplicados confundem *estado* com *processo*, ele afirma que o conceito é estático e que o profissional que está ligado ao ensino e aprendizagem de línguas trabalha no processo e foi aí que se estabeleceu a confusão. Para o autor, o termo proficiência não é estático e por isso ele propõe que o termo competência comunicativa seja substituído por proficiência comunicativa.

Ainda há vários autores que não foram listados neste trabalho, mas que desenvolveram conceitos específicos de competências e Habilidades como

Perrenoud (1999), Neves (1996), Savignon (1972), Munby (1978), Halliday (1973), Widdowson (1978) entre outros. Isso nos mostra quão extensa é a discussão deste conceito.

Ao discorrer sobre estes conceitos percebe-se o tamanho da importância que eles têm no desenvolvimento desse trabalho, pois se para Le Bortef a palavra habilidade é a capacidade de desenvolver, isso nos remeterá ao 'como' o acadêmico desenvolverá essa capacidade para apreender a Língua Inglesa? É a pergunta que nos motiva. Para fazer com que ele adquira competência, que é o colocar em prática a habilidade que se tem para poder alcançar a proficiência que é o 'ser capaz de', no caso do graduando de comunicar-se.

1.3 - Estratégias para desenvolver as habilidades

O professor para conseguir desenvolver um trabalho de forma satisfatória conta com estudos desenvolvidos em sua área de atuação que o ajudam a colocar em prática o conhecimento adquirido levando em conta situações reais para uma formação mais consciente. Isto é observado na fala de Dutra (1994):

“(..) a prática pedagógica transformadora do professor não se alicerça num voluntarismo ingênuo (...), mas no redimensionamento de sua visão de mundo, de homem, num contexto coletivo, socializando o saber e o poder sem perder o caminho, a liberdade”.

Isto significa que as atividades realizadas para o processo de produção oral do aprendiz devem considerar situações contextuais como mola mestra para a dinâmica da prática educativa, deve estar aliada à visão da totalidade e ao tipo de homem que se pretende formar. Na perspectiva de ensino e aprendizagem de uma língua, no caso aqui estudado a língua inglesa, com isto entra a proposta de se usar métodos e abordagens que tratam da compreensão oral neste processo e para isso selecionamos alguns (métodos e abordagens) teorizados aqui por Larsen-Freeman (1986- apud Alcântara 2005) e por Leffa (1988).

Para podermos entrar na discussão, primeiro precisamos definir o conceito de método e abordagem, para isso, usaremos as defendidas por Leffa (1988) para quem abordagem é um termo abrangente e engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem, como por exemplo o de que a língua é uma resposta automática a um estímulo, já o método tem uma abrangência mais restrita e pode estar contido dentro de uma abordagem e não trata dos pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas e sim das normas de aplicação desses pressupostos, um exemplo é o que envolve regras para a seleção, ordenação e apresentação dos itens linguísticos.

1.3.1- O Método Direto

Este método não faz uso da língua materna em sala de aula tem como princípio fundamental que L2⁴ se aprende através da L2, enfatiza que o aluno tem que aprender a pensar na língua e por isso a transmissão do significado acontece através de gestos e gravuras sem recorrer à tradução.

O foco é a língua oral, diálogos situacionais (ex. no banco, fazendo compras, etc.) e trechos de leitura são usados para exercitar a oralidade, mas há também o desenvolvimento da escrita através de ditado de texto na língua-alvo, atividades de completar espaços com o objetivo de avaliar a intuição de regras e vocabulário e composição escrita de assuntos escolhidos no ambiente de estudo. Há neste método a preocupação de integrar as quatro habilidades- ouvir, falar, ler e escrever- pela primeira vez no ensino de línguas.

⁴ - L2 – significa segunda língua.

1.3.2- Método Suggestopedia ou Sugestopedagogia

O método procura ajudar o aluno a superar o medo ou autogestão. Parte do princípio de que a aprendizagem linguística é atrasada em decorrência de barreiras impostas pelo indivíduo em situação de aprendizagem, concilia o estudo da sugestão e da pedagogia forma que deu nome ao método.

Este método utiliza como técnica a adequação do ambiente de estudo como luz, cadeira, decoração; pôsteres nas paredes; visualização com olhos fechados de cenas imaginárias; criação de uma nova identidade descrita pelo aluno; dramatização de situações improvisadas; leitura ao ritmo de música; escuta de leitura com os olhos fechados; as quatro habilidades são ensinadas ao mesmo tempo, principalmente com diálogos lidos pelo professor com constantes variações de entonação.

1.3.3 – Método Áudio-lingual

Foi um método criado durante a Segunda Guerra Mundial onde havia a necessidade de falantes fluentes em várias línguas nos campos de batalha. Baseia-se na linguística descritiva e na psicologia behaviorista tem como meta fazer o aluno usar a língua-alvo comunicativamente.

As premissas que sustentam o método formam uma doutrina coesa e a primeira é de que “língua é fala e não escrita”, por isso o aluno deve primeiro ouvir e falar para depois ler e escrever, como acontece na língua materna. A segunda diz que a “língua é um conjunto de hábitos” adquirido por um processo de estímulo e resposta e deveria ser praticada até sua automatização através da repetição. A terceira premissa refere-se a seguinte afirmação: “ensine a língua não sobre a língua”. Assim, segundo tal premissa o aluno é exposto aos fatos da língua e através de analogia indutiva aprende a gramática apreende a língua pela prática. A quarta e

última afirmativa é de que “as línguas são diferentes” e concentra suas atividades em detectar as diferenças entre a primeira e a segunda língua e as atividades focam neste ponto tentando evitar erros por interferência da língua materna.

1.3.4- Abordagem cognitiva

Esta abordagem adota pressupostos do pensamento racionalista, defendendo a natureza inata da aprendizagem de línguas pelos humanos, além do falante generalizar sobre suas próprias regras através das experiências linguísticas vividas por eles mesmos. Foi fortemente influenciada pelas ideias de Chomsky.

De acordo com essa abordagem o aprendiz está no centro das preocupações pedagógicas é um ser que pensa por nascer com uma predisposição inata para aprender línguas, as técnicas usadas por esta abordagem são as de formulação de hipótese lógica; formulação de regra; teste de hipótese e regra sobre o uso da língua; apresentação, explicação, exposição e prática de linguagem associada a regras gramaticais.

1.3.5 – Comunidade de aprendizagem (Community Learning)

De acordo com este método o aluno é visto como um ser inteiro com sentimento e intelecto e um ponto que é principal é a forma como relacionam suas reações físicas, instintivas e a vontade de aprender entre si, com isso o professor tem que estar atento as necessidades base que o mesmo apresenta em relação aos medos e inseguranças apresentadas no processo de aprendizagem.

As técnicas usadas por esse método são: gravações de conversa dos alunos, transcrição das gravações, uso das gravações para corrigir ou reforçar a pronúncia,

formulação de novas frases a partir de outras já gravada, tarefas em pares ou em pequenos grupos, reflexão aberta sobre as atividades em sala.

1.3.6 – Abordagem Comunicativa

Enquanto nos Estados Unidos os estudos estavam concentrados no código da língua com Bloomfield e Chomsky, a Europa permanecia no estudo semântico e sociolinguístico dando ênfase ao discurso e a língua era analisada como um conjunto de eventos comunicativos, com isso as funções comunicativas revelam o propósito para o qual se usa a língua.

A grande preocupação da abordagem comunicativa é o uso da linguagem apropriada, adequada à situação em que ocorre o ato de fala e o papel desempenhado pelos falantes. A ênfase está na comunicação, os diálogos se apresentam em uso real da língua, os textos devem abordar todos os gêneros textuais como: jornal, carta, contrato, bilhete, etc.

A aprendizagem esta centrada no aluno, o professor não é autoridade em sala e sim um orientador e deve mostrar sensibilidade aos interesses do aluno encorajando a participação como também aceitando sugestões.

1.3.7 – Total Resposta Física (Total Physical Response)

Neste método o professor ensina a segunda língua emitindo o comando e fazendo o aluno executar. Está ligado a uma abordagem de ensino chamada de abordagem de compreensão, pois, enfatiza a compreensão auditiva para depois desenvolver a oralidade.

A premissa fundamental do método é de que se aprende melhor a língua depois de ouvi-la e entende-la, para que assim quando o aluno estiver interessado

em falar comece a prática oral. No início são comandos de voz simples, exemplo: sentar, levantar; e vai tornando-se complexo com o avanço das atividades, pois os comandos são ditados em série de ações sequencial.

1.3.8 – Abordagem Lexical

Esta abordagem defende o ponto de que são as palavras, as frases lexicais e as elocuições que podem promover um elo importante entre a aprendizagem e a aquisição consciente. Para esta abordagem quanto maior o repertório do aluno quanto às frases lexicais, maior o domínio do vocabulário básico.

Tem como proposta de atividade os quebra-cabeças aplicadas em níveis diferentes, exemplo: palavra, frase, diálogo, etc.; os exercícios de transformação que são atividades que permitem que os alunos comparem maneiras diferentes de expressar uma mesma ideia de forma contextualizada como exemplo tem as várias formas de despedida; as disposições de palavras e as caixas com palavras.

1.3.9 – Abordagem Natural

Esta abordagem tenta colocar em prática a teoria de Stephen Krashen que ficou conhecida como *Modelo do Monitor ou Modelo do Input*, para o autor o aprendiz adquire a língua materna e a estrangeira de modo *natura* através de um input. Para o mesmo a aquisição é o resultado do esforço do aprendiz em interpretar a mensagem onde o foco é o sentido não a forma.

O interesse do aluno é prioridade nesta abordagem e os jogos tem um papel fundamental além das dramatizações e há uma necessidade cada vez maior em mesclar ludicidade e metodologias.

CAPÍTULO II - A PESQUISA

Sabemos que o professor é um formador de opiniões e de sua importância dentro do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, para o bom desempenho da profissão o educador terá a necessidade de buscar métodos criativos de repasse de seu conhecimento, de despertar interesse levando em conta o ambiente do qual o aluno veio, verificar suas dificuldades, tentar buscar formas diferentes de repasse para o que não foi compreendido, enfim é em sala de aula que o aluno adquire a capacidade de pensar, refletir e criticar e o Professor tem a premissa de despertar a autonomia do mesmo para que ele (aluno) consiga desenvolver conhecimento de forma independente.

Dentro dessa perspectiva do ensino e aprendizagem há a questão da formação, no caso aqui estudado do professor de Língua Estrangeira, mas especificamente do professor de língua inglesa, soma-se a isso a necessidade de desenvolver a oralidade de forma proficiente para alcançar um bom desempenho em sala ao ministrar sua aula.

Este estudo objetiva fazer uma análise do processo de ensino e aprendizagem do acadêmico em formação na Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, no curso de Letras-Inglês, além, de avaliar a visão do professor efetivo da referida instituição.

2.1-Contextualização e Justificativa do Tema

Em pesquisas recentes autores como Rodrigues (2002) e Silva (2003) conseguiram observar que acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras estão apresentando um interesse cada vez maior em desenvolver sua habilidade oral. É fato que o graduando ao entrar no mercado de trabalho terá que fazer uso da língua de sua habilitação, no caso aqui pesquisado o aluno de Letras-Inglês, isso nos direciona para a forma como o ensino esta sendo desenvolvido. E a visão que cada parte, professor e aluno, têm sobre o tema “ensino de língua”.

No entanto, contradizendo as pesquisas acima citada, autores como Consolo (2005), Martins (2005), Silva (2000) e Almeida Filho (2002) demonstram que uma parte de alunos formados em cursos de Letras não atinge os níveis de proficiência oral adequados para ministrar uma aula satisfatoriamente e isso influencia, de forma negativa, na qualidade do ensino de Língua Estrangeira no país.

Há várias pesquisas direcionadas à importância da oralidade para o profissional de Língua Inglesa como Língua Estrangeira, autores (op. cit.) que direcionaram seus estudos ao acadêmico em formação não somente vendo-o como futuro profissional da área, mas, sobretudo, para saber como a proficiência deste aluno está se desenvolvendo e marcando o desempenho dos mesmos em suas atuações como professores de Língua Estrangeira. No entanto, o foco destes estudos não está direcionado somente ao graduando em formação apontam também para o professor de graduação do curso de Licenciatura em letras-Inglês. Vale ressaltar aqui que em pesquisa recente Abreu-e-Lima (2006) fez a seguinte afirmação:

“Mesmo não sendo o único responsável pelo processo de aprendizagem do aluno, o professor é seu grande incentivador, estimulador ou motivador. Na maioria das vezes, o professor é a única pessoa com a qual os alunos têm contato para poderem se comunicar em língua que não a sua”.

Isso torna a pesquisa aqui desenvolvida de suma importância, pois, tentará mostrar a visão de ensino e aprendizagem da oralidade dos sujeitos da pesquisa. O autor Ibrahim (2006) evidencia que o profissional que ensina Línguas tem um papel central nos diversos cenários de ensino de Língua Estrangeira e que “esta profissão é sustentada por professores não nativos” o que nos faz retomar a questão do “como” esta se desenvolvendo o ensino, tentar buscar maneiras de minimizar os problemas que por ventura estejam ocorrendo em sala.

2.2- Objetivos e Perguntas da Pesquisa

O estudo aqui desenvolvido tem como objetivo geral fazer uma análise do ensino da Língua Inglesa no que se refere ao ensino da oralidade e a proficiência adquirida pelo aluno em formação além de analisar a visão do professor dessa disciplina. A escolha do corpus de análise foi feita através da observação de que os alunos concluintes encontram-se a um passo de exercer a profissão e com isso surge à necessidade de uso das habilidades (ler, escrever, ouvir e falar). O que nos faz despertar para sua prática oral no exercício da profissão de professor de LE. Para isso constitui-se como objetivos dessa pesquisa:

1. Compreender como se processa o desenvolvimento da habilidade oral no ensino e aprendizagem em Língua Inglesa.
2. Analisar as dificuldades apresentadas pelos alunos no que diz respeito à oralidade.
3. Discutir possíveis causas e efeitos do aprendizado da habilidade oral do professor em formação.
4. Propor soluções que possam amenizar as dificuldades e proporcionar um melhor desenvolvimento da habilidade em questão.

De acordo com os objetivos expostos acima, é de grande interesse do estudo aqui desenvolvido que possamos responder as seguintes perguntas:

5. A proficiência em Língua Inglesa esta intimamente relacionada à habilidade oral Comunicativa?
6. O curso de Letras-Inglês da UNIFAP contempla o desenvolvimento da oralidade?
7. Os professores em formação, do curso de Letras-Inglês da UNIFAP, sentem-se preparados para o uso efetivo da Língua na comunicação oral?

2.3-Metodologia da Pesquisa

A pesquisa aqui apresentada toma o referencial teórico de Moita Lopes (1996), para este autor a pesquisa qualitativa, de base etnográfica e interpretativa

está centrada na investigação do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, como é desenvolvido o ensino na visão de alunos-professores e do professor formador, no caso desta pesquisa: do curso de Licenciatura em Letras-Inglês. De acordo com Roth & Hendges (2010), adotar uma abordagem de base qualitativa é fazer com que “o pesquisador qualitativo estude coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretando os fenômenos, segundo os significados que as pessoas lhe atribuem”, sentido este que esta pesquisa tenta mostrar.

Segundo Erickson (1991) a pesquisa de base etnográfica “fornece informações relevantes no que concerne valores e usos da língua(gem) inseridos numa comunidade ou instituição”. Ocupa-se da visão geral no contexto de aprendizagem quando dá ênfase a descrição e análise das ações de alunos e professores em sala de aula, a pesquisa aqui apresentada Tem também um caráter indutivo, pois vai do “conhecimento dos dados para a confirmação da teoria” como afirma Roth & Hendges (2010).

Foi feito uma pesquisa de campo com alunos e Professores ligados ao curso de Licenciatura em Letras-Inglês em formação nas turmas 2008 (tarde) e 2009.1 (noite), da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Foi aplicado formulários e entrevista aos acadêmicos: sete alunos da turma 2008 (tarde) e dez alunos da turma 2009.1 (noite), além de dois professores de Inglês do quadro efetivo de funcionários da instituição que também responderam a um formulário direcionado. Através da adoção deste instrumento de pesquisa para coleta de dados foi possível obter informações necessárias para a análise do tema aqui proposto que é o de avaliar o ensino e aprendizagem da produção oral no curso acima citado utilizando o método de estudo de caso. Para Roth & Hendges(2010) o estudo de caso “possibilita o

estudo intensivo de um indivíduo(...) ou grupo(...) com vistas a obter generalizações a partir de uma análise abrangente do tópico de pesquisa como um todo”.

2.3.1- Cenário da Pesquisa

Figura 1- Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

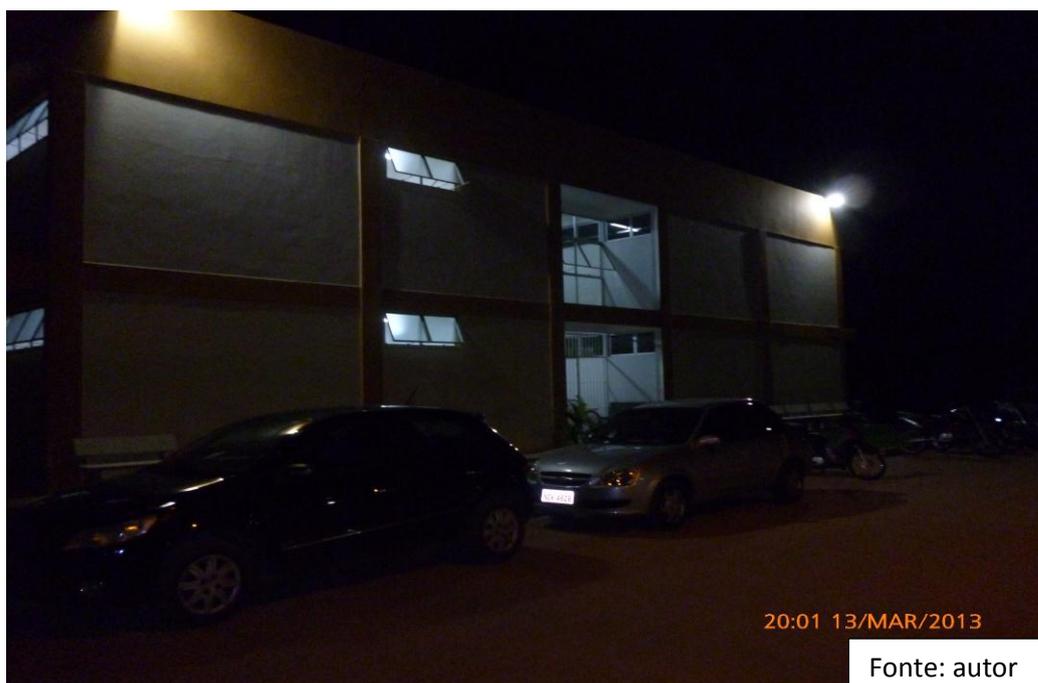


A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, situada na Rodovia Juscelino Kubitschek km 02- Jardim Marco Zero sob o CEP 68.903-419. Instituição Pública de direito privado em ensino superior, nos termos da lei nº 7.596 de 10 de abril de 1987, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Macapá, Estado do Amapá.

A Universidade goza de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedece ao princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, regendo-se pelo seu Estatuto nos termos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Regimento Geral e demais leis em vigor.

Oferta, aproximadamente, vinte e um cursos de graduação distribuídos nos três turnos, dentre os quais encontramos o curso de Letras que oferece dupla habilitação em Língua materna/Língua Francesa e Língua Materna/Língua Inglesa. Vale ressaltar que a carga horária total do curso de Língua materna/Língua inglesa é de 6.860h-a. No estudo aqui exposto constituíram-se como corpus de análise duas turmas que estão em processo de conclusão do curso as turmas 2008 (tarde) e 2009.1 (noite) além de professores de Língua Inglesa do quadro efetivo da Instituição aqui descrita.

Figura 2 - Bloco de Letras e Artes



2.3.2- Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa teve como foco alunos e professores da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, do curso de Letra-Inglês das turmas 2008 (tarde) e 2009.1(Noite), foram escolhidos turmas que estão em processo de conclusão do curso para a aplicação de formulário e entrevista, também foi aplicado formulário aos professores de Língua Inglesa do quadro efetivo da Instituição. O intuito é de avaliar o ensino da oralidade dos acadêmicos em formação já que se encontram em vias de atuação em sala de aula, e observar como eles (acadêmicos) avaliam o desenvolvimento do ensino de Língua Inglesa no curso em questão. Para os professores de Língua Inglesa do quadro efetivo da Universidade Federal do Amapá foi aplicado somente o formulário com o objetivo de verificar como eles avaliam o ensino da língua e suas dificuldades no processo de Ensino na instituição.

O que se pode observar, logo de imediato, é o fato de as duas turmas estarem com um número extremamente reduzido de alunos. A Universidade Federal do Amapá-UNIFAP- oferece duas habilitações uma em Língua-Materna/Língua-Francesa e a outra em Língua-Materna/Língua-Inglesa. A turma 2008 (tarde) Língua-Materna-Língua Inglesa ainda fazia a opção pela Língua Estrangeira no decorrer do curso e as turmas iniciavam com aproximadamente cinquenta alunos, não deu pra coletar dados de quantos acadêmicos fizeram a opção por Letras-Inglesa na turma citada, mas na aplicação do formulário havia somente sete alunos que estavam em processo de conclusão do curso. O caso da turma 2009.1(noite) Língua-Materna/Língua-Inglesa é diferente porque a turma já entrou dividida, a partir deste ano a opção passou a ser feita antes do processo seletivo, e cada turma inicia, desde então, com trinta alunos. No processo de aplicação do formulário havia

somente dez alunos frequentando as aulas. Os alunos aqui estudados foram integrados a instituição através de processo seletivo.

Figura 3 - Turma Letras-Inglês 2009.1(noite)



Fonte: autor

Figura 4- Turma Letras-Inglês 2008(tarde)



Fonte: autor

2.3.3- Instrumentos da Coleta de Dados

Para obter as informações necessárias para o bom andamento da pesquisa foi aplicado formulários direcionados ao aluno e ao professor além de entrevista, esta última somente aplicada ao aluno. Com isso foram usados uma resma de papel A4, grampeador e uma câmera digital para a filmagem da entrevista e para coletar imagem dos alunos, professores, da instituição de ensino em questão e do bloco onde ficam localizadas as turmas de Letras- Inglês.

O primeiro formulário se desenvolveu da seguinte maneira: foram elaboradas seis perguntas nas quais cinco eram de múltipla escolha e uma era subjetiva todas direcionadas à questão da oralidade, qualidade do curso, ensino e opinião. Já a entrevista estava direcionada à proficiência do aluno. A coleta de dados se deu em um período de aproximadamente um mês para aplicação dos formulários, acima descrito, e da entrevista aplicada aos alunos.

2.3.4- Procedimento de análise dos dados

No Primeiro momento, na descrição da análise dos dados, iremos pontuar as respostas dos acadêmicos e avaliar como elas se desenvolveram, verificando através de gráficos como o aluno enxerga o processo de ensino da língua Inglesa no curso de Letras-Inglês na Universidade Federal do Amapá. Em seguida será avaliado as respostas abertas do formulário e da entrevista desenvolvida com os sujeitos pesquisados por meio de gravação de vídeos e verificar a visão que o acadêmico tem em relação à proficiência oral desempenhada por ele mesmo. No terceiro momento, faremos análise do material que foi direcionado ao professor do

quadro efetivo da mesma instituição, ao final será feito um comparativo entre o que pensa o aluno com o que pensa o professor.

CAPÍTULO 3 - A Análises Dos Dados

Este capítulo apresenta as reflexões e interpretações acerca dos dados obtidos na pesquisa. Para melhor aproveitamento e exposição, distribuimos as perguntas do questionário, com opções de respostas, em gráficos representativos e fizemos a discussão dos dados, estabelecendo as análises das indagações concernentes à temática do presente trabalho.

Há que se concordar com Celani (2002, p.17) que assevera ser “particularmente importante ter o engajamento de alunos de graduação empenhados em desenvolver sua formação científica como pesquisadores”. Mais ainda, porque temos consciência da importância de nossa função social como futuros educadores. Dessa maneira, considera-se que esse tipo de pesquisa contribui para o conhecimento da realidade dos fatos, e é interessante para pesquisadores e pesquisados, na medida em que proporciona esclarecimento e reflexão acerca do tema proposto.

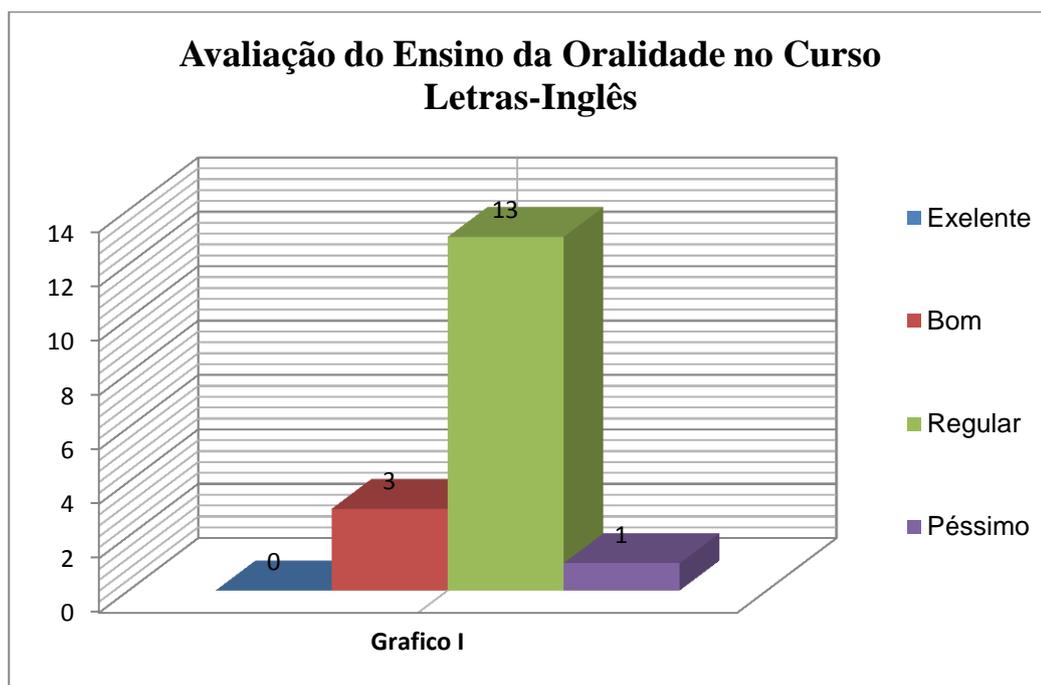
Os gráficos em questão apresentam alternativas de resposta, com o intuito de direcionar o acadêmico a opções que seriam objetos da avaliação no estudo aqui apresentado. Há, entretanto, uma pergunta aberta no formulário e outras que foram coletadas através de filmagem de vídeo com o objetivo de verificar como o graduando pensa a questão do ensino e aprendizagem na Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Além do que já foi apresentado, temos também a análise de formulário aplicado ao professor efetivo da instituição com o intuito de verificar a

visão que este profissional tem do ensino e aprendizagem. No momento final será feito um comparativo do que pensa cada parte aqui pesquisada.

3.1.1 – Análise dos gráficos do formulário dos alunos

O gráfico I é a representação das respostas obtidas na primeira questão do formulário direcionado ao acadêmico:

1-Como você avalia o ensino da oralidade em Língua Estrangeira no curso de Inglês?



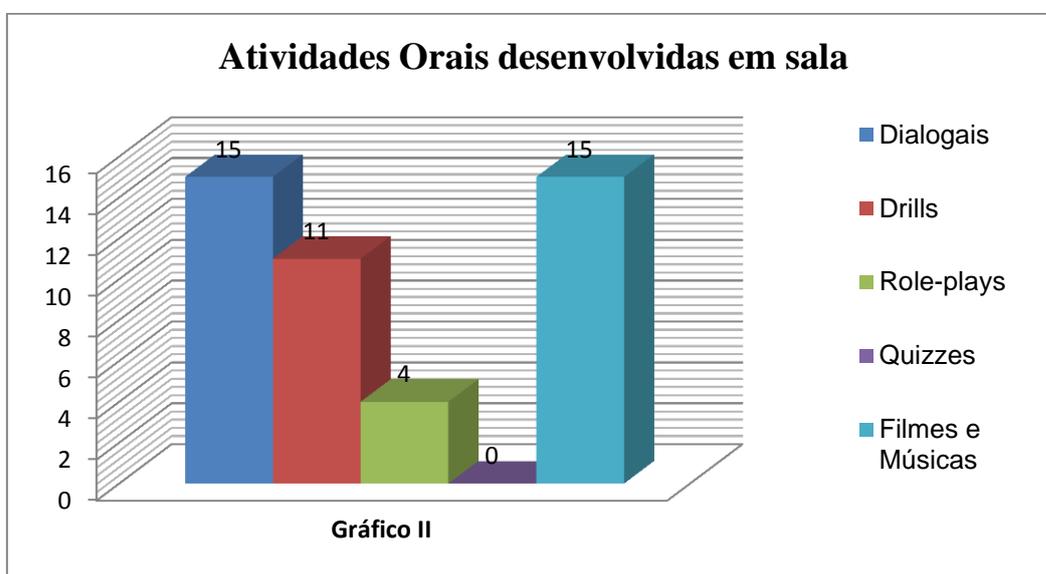
Fonte: Questionário do acadêmico.

Tal gráfico objetiva avaliar o ensino da oralidade em Língua Estrangeira, no curso de Letras-Inglês. Analisando os dados obtidos a pesquisa permitiu evidenciar que em um quantitativo de dezessete alunos, treze dos acadêmicos participantes

consideram que a qualidade do ensino da oralidade, na Universidade Federal do Amapá- UNIFAP no curso de Letras-Inglês é regular.

No gráfico II está a representação das respostas obtidas na segunda questão do formulário direcionado ao acadêmico:

2-Quais das atividades orais abaixo foram desenvolvidas no decorrer do curso?



Fonte: Questionário do acadêmico.

Segundo o que nos mostra o gráfico e de acordo com o que foi observado, nas respostas apresentadas pelo graduando de Letras-Inglês, as atividades mais realizadas no decorrer do curso de sua formação foram as atividades *dialogais* junto com *filmes e músicas*, os *drills*⁵ foram seguidos do uso dos *role-plays*⁶ foi uma

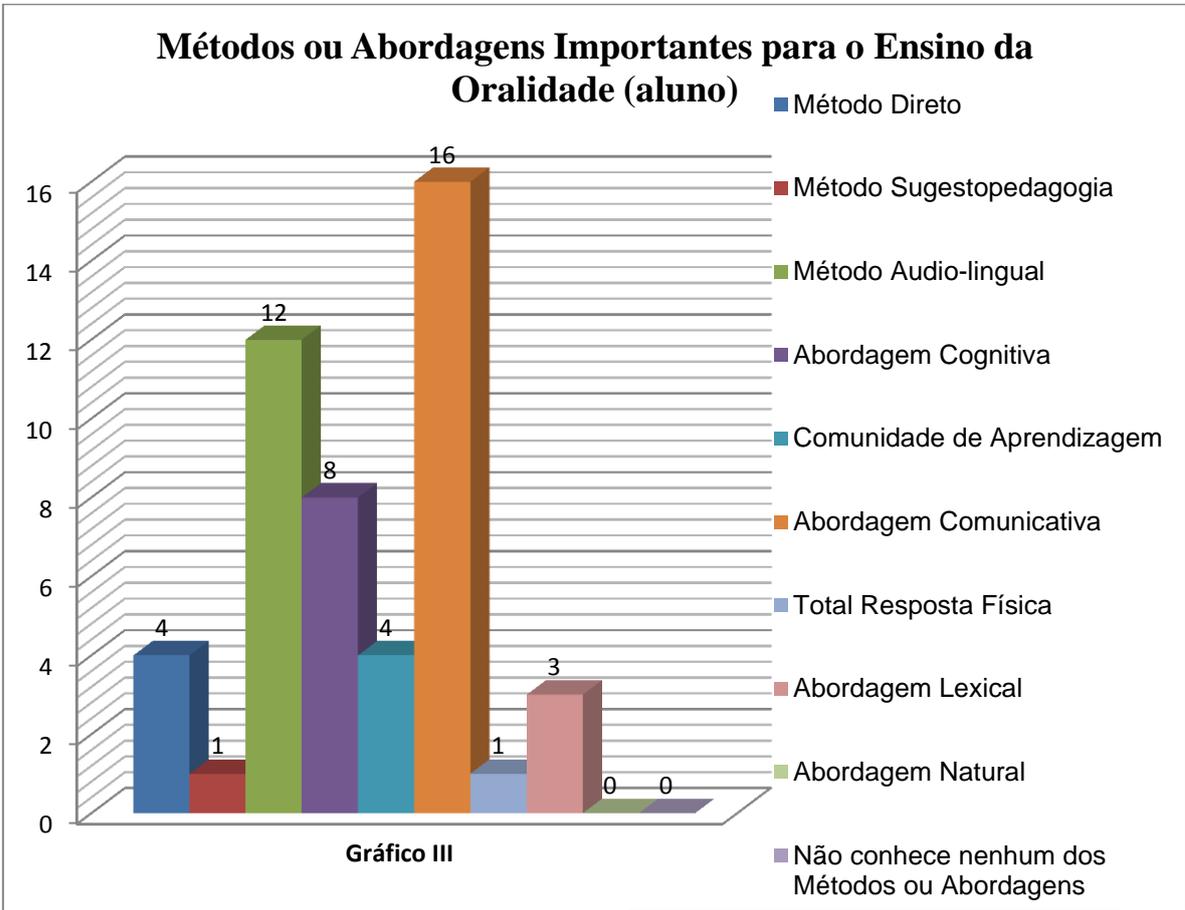
⁵ - Drills: É uma atividade que consiste em exercícios de repetições.

⁶ - Role-plays: É uma atividade de encenação.

atividade pouco aplicada no ensino da oralidade. Já os *quizzes*⁷, como nos mostra o gráfico, é uma atividade que segundo os graduandos entrevistados, não foram usados no processo de ensino da oralidade.

O Gráfico III é a representação das respostas obtidas na terceira questão do formulário direcionado ao acadêmico:

3-Sendo a oralidade um pre- requisito em Língua Inglesa quais os métodos ou abordagens abaixo você considera importante para o desenvolvimento das atividades?



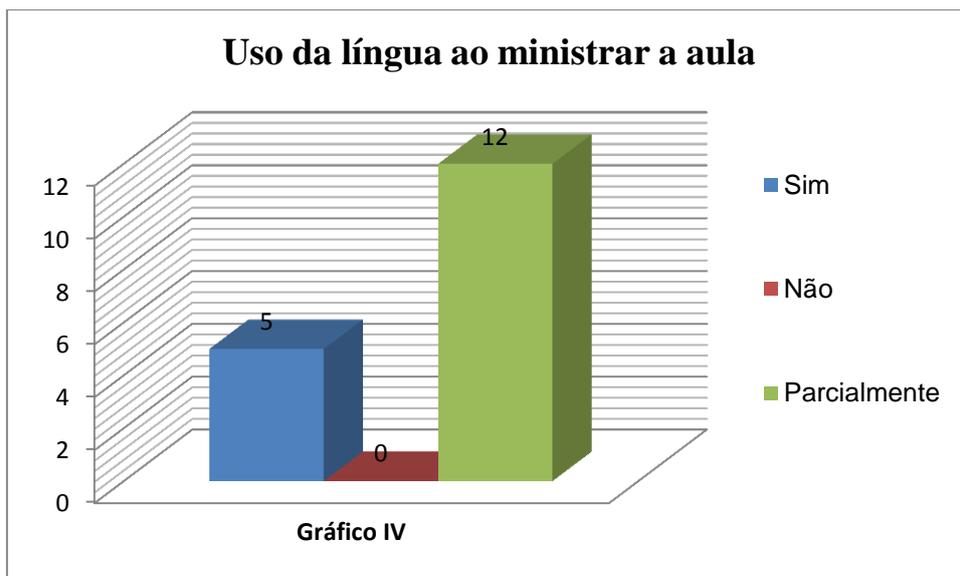
Fonte: Questionário do acadêmico.

⁷ - Quizzes: são questionários que tem por objetivo fazer uma avaliação de uma quantidade grande de pessoas, com respostas que pode ser “certo” ou “errado” para chegar a um resultado geral.

Quanto ao melhor método ou abordagem para o ensino da oralidade o aluno considera a abordagem comunicativa a melhor maneira de desenvolver a oralidade, em segundo lugar vem o método áudio-lingual, e seguindo a ordem vem à abordagem cognitiva, comunidade de aprendizagem, abordagem lexical, total resposta física e método Sugestopedagogia já a abordagem natural não foi selecionada e nenhum dos acadêmicos afirmou que desconhece os métodos e abordagens. Isso nos mostra que o acadêmico está ciente que existem e que cada método ou abordagem pode ser usado para o melhor desenvolvimento das habilidades necessárias a aquisição de uma língua estrangeira. Todos ao concordarem que a abordagem comunicativa é o melhor para trabalhar a oralidade se mostraram ciente de que a mesma centraliza o ensino da língua na comunicação.

O gráfico IV é a representação das respostas obtidas na quarta questão do formulário: em relação ao uso da língua pelo professor ao ministrar sua aula.

4- Os professores fazem uso da Língua Inglesa em sala ao ministra a aula?

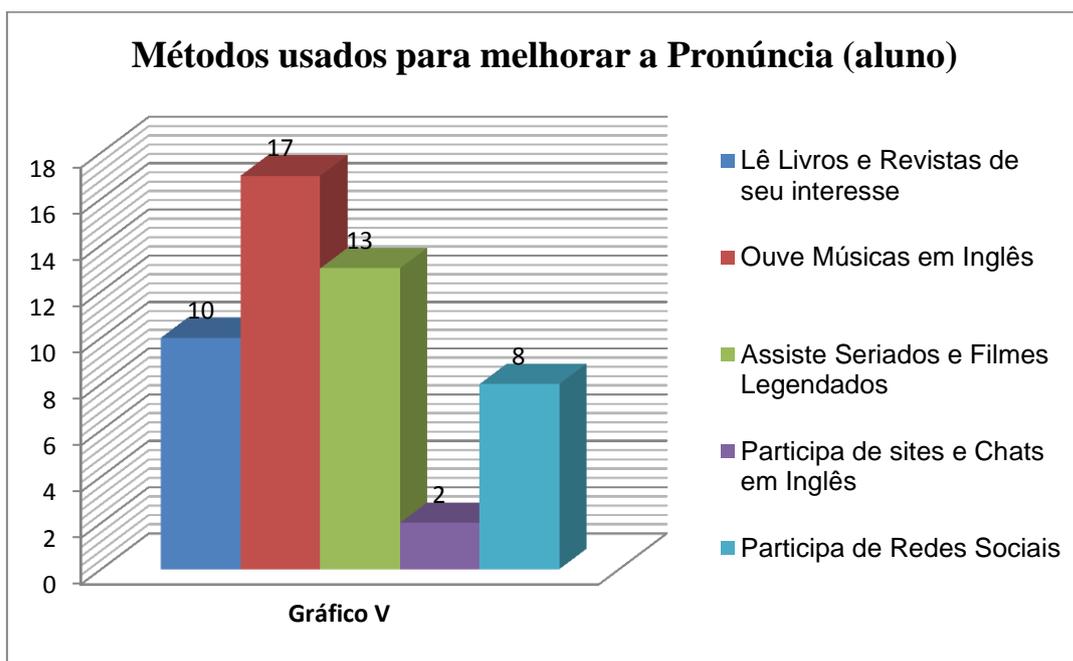


Fonte: Questionário do acadêmico.

De acordo com as informações obtidas através do formulário aplicado ao aluno, os professores de Língua Inglesa do curso de letras inglês da UNIFAP, fazem uso parcial da oralidade ao ministrar a aula.

O gráfico V é a representação das respostas obtidas na quinta questão do formulário e refere-se aos métodos usados pelo acadêmico para melhorar a pronúncia da língua Inglesa, como forma de aperfeiçoar a língua quando os mesmos não se encontram na universidade.

5- Qual (is) dos procedimentos abaixo você utiliza para melhorar sua pronúncia e compreensão em Língua Inglesa:



Fonte: Questionário do acadêmico.

Como mostra o gráfico acima o método de prática para melhorar a pronúncia, mais usado pelos acadêmicos, é ouvir música, o segundo é assistir seriados e filmes

legendado, e seguindo a ordem nós temos a leitura de livros e revistas de interesse pessoal, participar de redes sociais e participar de sites e chats em inglês.

3.1.2 – Análise das perguntas abertas:

3.1.2.1 – Formulário do aluno

Para que fosse dada a liberdade de expressão aos acadêmicos, para expor suas opiniões, foram direcionadas perguntas abertas, uma estava incluída no formulário aplicado aos mesmos e as outras quatro encontravam-se nas perguntas da entrevista, estavam desenvolvidas da seguinte forma:

- Sexta questão do formulário:

Qual é, em sua opinião, o papel do professor no desenvolvimento da atividade oral?

- Questões feitas na entrevista:

1. Você já trabalha como professor de Língua Inglesa?
2. Caso trabalhe, você costuma usar a língua inglesa para ministrar suas aulas? Por quê?
3. Você se sente preparado para comunicar-se oralmente em Língua Inglesa?
4. Caso não utilize, é por insegurança ou deficiência no seu aprendizado?

Com relação às respostas obtidas, inicialmente cabe considerar que:

Quanto à sexta questão do formulário, por ser subjetiva, as respostas foram variadas, entretanto, há um ponto que todos os acadêmicos consideram comum em relação ao papel do professor de que o mesmo é visto como o detentor do

conhecimento, e deve desempenhar suas atividades de forma que seja o incentivador, mediador, orientador, direcionador, agente principal e estimulador, ou seja, o que orienta o aluno na busca do desenvolvimento da oralidade. Conforme se pode observar abaixo:

A6⁸ - “O professor deve ser o principal incentivador no desenvolvimento da atividade oral, pois o aluno tende a não exercitar com frequência a oralidade, muitas vezes por falta de prática e incentivo; o professor é visto como detentor do conhecimento, ou seja, como alguém que conhece profundamente o uso da língua estrangeira, devendo, portanto, ser o maior incentivador da prática oral”.

No que diz respeito à primeira e a segunda questão aplicadas na entrevista, considera-se que ambas estão de certa forma atreladas, aqui analisadas conjuntamente, assim, obteve-se o seguinte resultado: apesar de cinco graduandos terem afirmado que já trabalham como professor de Língua Inglesa, apenas três fazem uso da língua inglesa, para ministrar suas aulas, o tempo todo e dois afirmaram que a utilizam parcialmente, pois segundo os mesmos, os alunos não compreenderiam a aula se eles o fizesse na totalidade. Um dado importante a considerar, diz respeito a observação feita por dois desses graduandos que afirmam usar a língua inglesa em suas explicações, mas em seguida fazem a tradução:

V1⁹ - “(...) Eu alternava língua estrangeira e língua portuguesa até porque os alunos não tem esse domínio para entender tudo que se fala em língua inglesa, então eu procurava alternar”.

⁸ - A + numeração (ex. A6) – forma de identificar o aluno, onde o A significa aluno e o seis a ordem dele na resposta.

⁹ - V + numeração (ex. V1) – forma de identificar o aluno, onde o V significa vídeo e o um a ordem dele na resposta.

V10- “(...) são adolescentes, e geralmente quando usa muito o inglês eles sentem muita dificuldade, mas geralmente quando eu uso o inglês logo em seguida eu venho com a tradução”.

As perguntas três e quatro também se complementam, sendo, portanto, analisadas conjuntamente, foram obtidos os seguintes resultados:

De todos os alunos entrevistados apenas três afirmaram ter segurança para comunicar-se oralmente, enquanto cinco afirmaram sentir-se parcialmente seguros e um número também de cinco alunos afirmaram não ter nenhuma segurança em um ato comunicativo oral. É importante destacar que os que afirmaram estar totalmente seguros são aprendizes também de cursos livres. Vale também destacar que dentre os que não sentiam nenhuma segurança foi unânime o fato de apontarem que além da insegurança pessoal, a deficiência quanto ao ensino que obtiveram na instituição também provocou tal situação. Conforme se pode observar abaixo:

V8 - “(..)na verdade, é uma questão de insegurança e deficiência também no sentido do que é ensinado, né. Porque aqui na Universidade, eu compreendo isso, eu acho que o foco principal da Universidade não é preparar pra comunicação nós somos preparados pra ensinar tem coisas que nós temos que buscar por nossa própria conta e em certos momentos também a universidade deixa um pouco a desejar (...)”

3.1.2.2 – Formulário do professor

A pesquisa também buscou observar a visão do professor quanto ao desenvolvimento do curso de inglês no que tange a oralidade. Assim, foram feitas quatro perguntas abertas:

1-Qual (is) habilidades você considera importante (s) que o aprendiz de Língua Inglesa desenvolva no decorrer do curso Letras – Inglês?

2-Qual (is) atividade (s) você aplica em sua sala de aula para desenvolver tal (s) habilidade (s)?

3-Qual (is) dos métodos ou abordagens de ensino você utiliza em sua sala de aula?

4-Qual (is) a (s) principal (is) dificuldade (s) você acredita que dificultam o trabalho do professor de Língua Inglesa no curso de Letras da UNIFAP?

Quanto à análise das respostas da primeira pergunta, enquanto o professor 1 afirmou que as principais habilidades a serem desenvolvidas no decorrer do curso seriam falar e escrever, o professor 2 afirmou que todas as habilidades concernentes ao aprendizado de uma língua estrangeira são fundamentais.

A segunda pergunta estava intimamente relacionada à primeira, pois de acordo com o objetivo do professor foi pedido que o mesmo relacionasse as atividades utilizadas para atingi-los. Assim, foi obtido o seguinte resultado: o professor 1 utiliza-se dos exercícios orais e escritos, enquanto o professor 2 relacionou atividades mais abrangentes tais como: filmes, vídeos, curta metragens, exercícios orais e de *listening*¹⁰, redações, leitura de textos e obras, músicas, jogos, CD room. A terceira pergunta estava relacionada a metodologia de ensino que os professores faziam uso. Os discentes foram unânimes em afirmar que fazem uso da abordagem comunicativa ao ministrar as aulas.

A quarta pergunta questionava sobre as dificuldades enfrentadas pelo professor em suas aulas, no curso de Letras/ Inglês da UNIFAP, e observou-se que ambos partilhavam da mesma opinião ao afirmar que o que prejudicava o processo de ensino e aprendizagem era o fato de o acadêmico não ter um conhecimento

¹⁰ Listening – é uma atividade que consiste em aprimorar a habilidade de escuta e compreensão.

prévio sobre a língua Inglesa, Língua essa que o graduando havia feito opção de estudo ao entrar na Instituição. Entretanto o professor 2 acrescentou a falta de estímulo do professor e do aluno, bem como a necessidade de uma estrutura física adequada para o ensino de línguas, no caso o laboratório que pelas condições de higiene não proporciona um ambiente de qualidade ao desenvolvimento dos trabalhos que nele poderiam ser desenvolvidos, e a falta de material adequado para o desenvolvimento do estudo, no caso livros .

Considerações Finais

O estudo realizado partiu de uma inquietação muito comum aos professores de Língua Inglesa que diz respeito ao fato de muitos deles encontrar-se com diplomas que os habilitam a ensinar a língua, mas se questionam como ensinar aquilo que não se domina. E no caso de língua estrangeira, um dos pré-requisitos deve ser o ato comunicativo oral, pois quem aprende uma língua busca compreendê-la e se fazer compreender. Assim, buscou-se analisar se o curso de letras da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP vem abrindo caminho para que os novos profissionais da área sintam-se seguros para o exercício da profissão. No presente trabalho buscou-se especificamente analisar a habilidade comunicativa. Para tanto, professores e acadêmicos responderam formulários e entrevistas, objetivando-se desta maneira, dar voz aos agentes participantes do processo de ensino aprendizagem do curso de Letras – Inglês da citada instituição.

Com base na análise dos dados coletados pôde-se, portanto, fazer as seguintes considerações: Inicialmente, o curso para obter um melhor desenvolvimento do ensino e aprendizagem das habilidades básicas, entre elas a oralidade, é indispensável que o corpo docente do curso de Letras-Ingês responsável pela aplicação dos trabalhos de abordagem comunicativa com a língua estrangeira em questão esteja em comum acordo no que concerne às habilidades a serem exploradas, bem como a metodologia ou abordagem de ensino utilizada para alcançar êxito nesse processo. No entanto, a pesquisa demonstrou que não há consenso entre professores efetivos do curso, pois o professor 1 afirmou que busca o desenvolvimento das habilidades do falar e do escrever enquanto o professor 2, embora não tenha especificado, afirmou que todas as habilidades devem ser enfatizadas. O que acaba criando um ambiente desfavorável no processo de ensino e aprendizagem e acaba se tornando um ponto a favor da insegurança do graduando.

Quanto à questão da metodologia ou abordagem a ser empregada, os professores pesquisados apontaram que o melhor método de estudo é o de abordagem comunicativa. Vale ressaltar o conceito aplicado por Hymes (1974) para quem “um falante para ser comunicativamente competente não deve apenas dominar as estruturas linguísticas, mas saber, também como a língua é usada por uma comunidade de fala”.

Sendo assim, o trecho descrito acima vai de encontro ao que o professor 1 considera ser importante para o desenvolvimento da capacidade comunicativa, pois para o mesmo falar e escrever são as habilidades que devem ser enfatizadas, mas os estudos sobre habilidades comunicativas mostram que não há somente as

habilidades básicas como: ler, escrever, ouvir e falar este estudo vai além e tem como exemplo a competência linguística, as que se referem ao discurso, aos componentes referenciais e até os socioculturais, ou seja ensinar somente as quatro habilidades não é o suficiente para o aluno desenvolver a proficiência de que necessita para o desenvolvimento da futura profissão.

Tendo em vista que o acadêmico ao entrar na instituição vem com a expectativa de desenvolver a habilidade comunicativa no decorrer do curso e espera sair da instituição proficiente na língua-alvo há que se considerar que as habilidades primárias do falar e escrever não contempla tal expectativa fazendo assim com que o aluno ingresse no mercado de trabalho com certas deficiências.

Assim, a falta do desenvolvimento das outras habilidades acaba gerando a insegurança no acadêmico diante da prática das capacidades necessárias para o bom desempenho das funções enquanto professor de Língua Inglesa, em especial quanto à habilidade oral, tema do presente trabalho. Observou-se na pesquisa que a maioria dos alunos ao saírem da Instituição não consegue colocar em ação a plena capacidade de ensinar a Língua Inglesa. Como se pode observar nas narrativas recolhidas:

V7-“(...) É de... mais de deficiência porque por mais que a gente estude na universidade, pegue as aulas, faça todos os níveis... Pelo menos com quem a gente conversa dentro de sala, nas outras turmas também, a gente sente essa deficiência. Essa insegurança por ter essa deficiência (...)”.

V8- (...) é uma questão de insegurança e deficiência também no sentido do que é ensinado, né. Porque aqui na Universidade, eu compreendo isso, eu acho que o foco principal da Universidade não é preparar pra comunicação nós somos preparados pra ensinar tem coisas que nós temos que buscar por nossa própria conta e em certos momentos também a universidade deixa um pouco a desejar em alguns quesitos nesse ponto do ensino, eu acho que... é um pouco de... Falta mais dedicação minha também que não é uma coisa que eu carrego com uma intenção de ser professor de língua inglesa, mais gostaria de aprender a me comunicar bem em inglês só que

eu não tive tempo suficiente pra isso, e também tem a questão da universidade de certa forma ela não te motiva né. Acaba te desmotivando ao invés de buscar uma motivação... É mais ou menos isso, deficiência.

Um ponto interessante abordado no formulário do professor diz respeito a uma das dificuldades que ambos apontaram como entrave para um melhor desenvolvimento de suas atividades: o conhecimento prévio do aluno sobre a língua Inglesa. Segundo a narrativa dos mesmos, eles consideram que é importante que o ingressante do curso de Letras–Inglês já tenha conhecimento da língua em questão, o que se torna difícil de ser realizado, pois o edital do processo seletivo não contempla que o acadêmico venha com base na língua-alvo, e o ensino público tem suas deficiências na questão do ensino de Línguas. Deve-se também levar em consideração que ao ingressar no curso de letras da Universidade Federal do Amapá-unifap o aluno se vê obrigado a escolher entre duas licenciaturas duplas: habilitação em Língua Portuguesa e Francesa ou Língua Portuguesa e Inglesa. Portanto, não há como estabelecer critérios quanto ao conhecimento prévio já que o aluno acaba optando por aquela disciplina que mais lhe agrada, ainda que tenha pouco ou nenhum conhecimento da língua escolhida e são poucos os que trazem esse conhecimento sobre a língua, e credita isto a participação em cursos livres. Desta maneira, o professor tem que buscar meios de adaptação a tal realidade, pois não deve ser este um fator excludente, afinal a Universidade oferece a língua do nível I até o VII com o intuito de desenvolver o conhecimento sobre a mesma, por isso o professor deve desenvolver todas as habilidades em sala.

O que se visualiza então no curso é que encontramos alguns alunos e professores desmotivados quanto à habilitação em Língua Inglesa, cada um com

sua visão dos problemas e necessitando de motivação para mudar o quadro aqui descrito. A pesquisa revelou que os alunos que não se sentem motivados e preparados para utilizar a língua inglesa em situações comunicativas acreditam que necessitam fazer curso livre de Língua Inglesa para poder alcançar a proficiência, pois consideram não ter tido êxito no processo de ensino e aprendizagem de forma plena no decorrer do curso. Sendo que dentre as habilidades que os mesmos pretendem buscar diz respeito à oralidade, diante deste quadro há que se concordar com Almeida Filho (1992) quando este afirma que "... o professor não fala, pouco lê, não escreve e nem entende a LE de sua habilitação quando em uso comunicativo...".

Devemos levar em consideração que não será somente o professor que proporcionará meios para que os aprendizes desenvolvam suas habilidades, ainda que estes tenham todo o interesse em fazê-lo. É necessário que se busque desenvolver atividades extras que tornem o aprendiz autônomo, ou seja, que este também se sinta responsável pelo seu aprendizado. Cabe ao aluno também a responsabilidade por seu próprio aprendizado. E hoje os meios eletrônicos oferecem variados caminhos para o aperfeiçoamento das habilidades, nós nos encontramos com um acesso muito maior a sites, redes sociais e outros caminhos oferecidos até mesmo pelo portal do MEC para ampliar o conhecimento do aluno acerca da língua, ainda que exista certo entrave nessa questão de acesso à internet, pois apesar de a universidade oferecer computadores para o desenvolvimento dos estudos, na maior parte do tempo eles (computadores) estão sem acesso à rede ou em manutenção.

Embora se tenha colocado o foco no aluno e no professor não há como deixar de pontuar também questões que estão aquém dos sujeitos pesquisados, mas que

se tornam empecilhos para o não desenvolvimento dos trabalhos dentro da instituição é o que afirma Paiva (2005) na seguinte citação abaixo:

“Se, por um lado, podemos culpar o professor por não dar ao aprendiz um ensino de qualidade, por outro, não podemos deixar de ver ambos como vítimas das relações de poder. O professor mal formado é ele próprio vítima de currículos inadequados¹, vítima de sua situação econômica, vítima de um contexto desfavorável que não lhe dá acesso a falante ou a tecnologias que possam compensar essa ausência de contato com uma comunidade de prática em língua estrangeira. Sem o domínio de sua ferramenta básica, fica difícil a qualquer pessoa exercer sua profissão com competência.”

No Brasil temos algumas universidades que desenvolveram cursos livres dentro da Instituição com o intuito de construir e aperfeiçoar as práticas pedagógicas dos alunos. O que está mais próximo e que podemos tomar como exemplo é o curso oferecido pelo ILC- Instituto de Letras e Comunicação da UFPA em Belém. Ao oferecer o curso livre tem como objetivo aproveitar as atividades realizadas como laboratório de ensino para os graduandos em Letras que fazem habilitação em Inglês, Francês ou Espanhol, atende uma parte significativa da comunidade acadêmica e pessoas da comunidade em geral desenvolvendo as quatro habilidades básicas a um custo bastante acessível ou por meio de bolsa integral ou parcial de estudo. O curso já recebeu a credibilidade da comunidade tanto a acadêmica quanto a geral e a procura é grande a cada início de semestre. Além de oferecer o curso de forma presencial oferece também on-line.

Portanto, desenvolver um trabalho de qualidade é um desafio tanto para o profissional quanto para o acadêmico e os obstáculos retratados no presente trabalho poderiam ser amenizados com desenvolvimento de projetos, o que há que se considerar aqui como sugestão, pois cada universidade trabalha dentro de sua própria realidade. A proposta que ora é apresentada proporcionaria meios para que

os alunos que apresentam uma boa carga de conhecimento possam colaborar com os que necessitam de um suporte maior. A proposta seria que alunos do 8º e 9º semestres desenvolvessem suas práticas pedagógicas dentro do próprio curso com os acadêmicos ingressantes- o que alguns professores chamam de monitoria. Isso ajudaria na questão do nivelamento além de tornar-se um laboratório para o futuro profissional de Língua colocando-o na prática de sua profissão.

A universidade implantou o curso de Letras Português/Inglês através da portaria Ministerial nº4327 de 22 de dezembro de 2004, este ano o curso, de acordo com o documento citado, completará nove anos em atividade docente e é um curso cuja demanda no mercado de trabalho no Estado do Amapá só vem aumentando. A carência destes profissionais é sentida imensamente na comunidade. Portanto, a formação deste profissional pela instituição é de suma importância e deve ser prioridade dentro do curso de Letras, há que se buscar constantemente meios que motivem o aluno para o aprendizado de Língua Inglesa, para que assim, a disciplina não se torne mera obrigação.

Referencial Bibliográfico

-ABREU-e- LIMA, Denise Martins- Um modelo macro- organizacional de formação reflexiva de professores de língua (s): articulações entre a abordagem comunicativa através de projetos e o desenvolvimento de competências sob a temática das Inteligências Múltiplas – UNICAMP-Campinas 2006. Disponível em <<[<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/linguaes_panhola/tese>>](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/linguaes_panhola/tese)>>

ALCÂNTARA, Sônia Maria De Souza- Oralidade Ludicidade e sociointeracionismo: Perspectivas para o desenvolvimento da aprendizagem de língua inglesa na rede pública de Salvador. In Dissertação de Mestrado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

ALMEIDA FILHO, JCP. O Professor de Língua(s) Profissional, Reflexivo e Comunicacional. In Revista Horizontes de Linguística Aplicada, vol. 04, nº f,UNB.2004.

_____, & El Dash, LG- Compreensão de Linguagem Oral no Ensino de Língua Estrangeira. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, LET-UnB, vol.01,no.01(p. 19-37), Brasília, 2002.

_____, & Barbirato, Rita C.- Ambientes Comunicativos para Aprender Língua Estrangeira. In Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas: Editora da Unicamp, (vol.36): 23-42, jul./dez.2000.

_____ - O professor de língua estrangeira em formação – Campinas: Pontes Editores, 1999.

_____. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas: Pontes Editores, 1993.

_____. “O professor de Língua Estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização linguística”. In Revista **Contexturas**, vol. 01 No. 01 (p. 77-85), São Paulo: APLIESP, 1992.

ALVARENGA, M. B. Configuração de competências de um professor de língua estrangeira (Inglês): implicações para a formação em serviço. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas, UNICAMP, 1999.- apud Almeida filho(1999)

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de-Etnografia da Prática escolar – Campinas, SP: Papyrus, 1995 – (Série Prática Pedagógica)

ANTUNES, Irandé, Lutar com Palavras Coesão e Coerência-São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (na Ponta da Língua; v.13)

BARCELOS, Ana Maria Ferreira- Narrativas Crenças e Experiências de Aprender Inglês- Universidade Federal de Viçosa – Revista Linguagem & Ensino, v. 9, nº 2 pg. 145-175, jul/dez. 2006

BOURDIEU, Pierre, 1930 – A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar/ Pierre Bourdieu; prefácio Sérgio Miceli – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1996. – (clássicos; 4)

BERTOLDO, Ernesto S. – Leituras: múltiplos Olhares. In: LIMA, Regina Célia de Carvalho P. (Org.)- Campinas, SP: Mercado das Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

CONSOLO, D.A. - Teachers' action and students' oral participation in classroom interaction. In: J.K. Hall & L. S. VERPLAETSE (Org.) Second and foreign language learning through classroom interaction, Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Associates, 2000a, p. 91- 107.

DUTRA, Eli. O papel do professor para uma metodologia transformadora. In. Educação para crescer. Porto Alegre: Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – Mini Dicionário Aurélio- 5^o edição, Rio de Janeiro, 2001- ed. P/FDE/PNLD 2004.

FERREIRA, Edilson Pimenta- Oralidade em língua estrangeira (inglês) como elemento legitimador do “saber” da língua inglesa: resultado do discurso midiático. Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM 5 (1): 40-49, 2012.

KANEKO-MARQUES, Sandra Mari – Desenvolvimento de Competências de professores de Língua Inglesa por meio de diários dialogados de aprendizagem/ Sandra Mari Kaneko Marques- São Carlos: UFSCar, 2008 116f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2007.

LE BORTEF, G – De la compétence. Essai sur un attracteur étrange, Paris, Les Editions d'organisation – 1994. Apud

LEFFA, Vilson J. – Metodologia do Ensino de Línguas, In BOHN, H.I. ; VANDRESEN, P. Tópicos em Linguística Aplicada: O Ensino de Línguas Estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. P. 211- 236.

LETRAS & LETRAS, v. 26, n. 1, jan./jun. 2010- Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Semestral

LITTLEWOOD, W. "Autonomy": an autonomy and framework. *System*, v.24, n.4, p.427-435, 1996.

MARTINEZ, Pierre, Didática de línguas estrangeiras, tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. Apud Boyer, 1990.

MOTTA-ROTH, Désirée – HENDGES, Graciela H. – Produção Textual na Universidade – Parábola Editorial, 2010.

MOROSOW, Ivete-MARTINEZ, Juliana- A didática do Ensino e a Avaliação da Aprendizagem em Língua Estrangeira- Curitiba: Ibpe, 2008- 194p-(Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira,v.3

PAIVA, V.L.M.O. – Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In: FREIRE, M.M. ; ABRAHÃO, M.H.V.; BARCELOS, A.M.F. (Orgs). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005. P. 135 – 153.

REVISTA PEDAGÓGICA (Porto Alegre, Brasil) nº 11, Novembro 1999, p. 15-19. Este Artigo foi publicado originalmente em *Résonances, Mensuel de l'école Valaisanne* , n. 3 Dossier Savoirs et compétences, novembro 1998.p. 3-7 : "Construire des compétences, est-ce tourner le dos aux savoirs?"

SANT'ANNA, Magali Rosa de – As interferências fonológicas no Inglês como língua estrangeira para os falantes de português no Brasil – *Dialogia* – Pg. 57-70. V 2 – out/2003.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da – Competência Comunicativa em Língua Estrangeira. Soletas, Ano IV, nº 08. São Gonçalo: UERJ, Jul./dez. 2004. Disponível em: <<<http://www.filologia.org.br/soletras/8sup/01>>>

TEIXEIRA, Elizabeth – As três metodologias: acadêmica, da ciência e da Pesquisa. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; Gil, Glória; RAUBER, Andréia Schurt (Orgs).

Anais do I Congresso Latino-Americano Sobre Formação de Professores de Línguas. Florianópolis, 2007. ISBN: 978-85-98703-10-7. Apud Consolo (2005).

Anexo I: formulários e perguntas da entrevista dos alunos e professores

1- Questionário aplicado ao aluno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP

CURSO LETRAS-INGLÊS

Questionário

Data: _____ Turma: _____

1-Como você avalia o ensino da oralidade em Língua Estrangeira no curso de Inglês?

A - () Excelente

B - () Bom

C - () Regular

D - () Péssimo

2-Quais das atividades orais abaixo foram desenvolvidas no decorrer do curso?

A - () Dialogais

B - () Drills (Exercícios de repetição)

C - () Role-plays(encenações)

D - () Quizzes

E - () Filmes e músicas

3-Sendo a oralidade um pré- requisito em Língua Inglesa quais as opções abaixo você considera importante para o desenvolvimento das atividades?

A - () Método Direto

B - () método Sugestopedagogia

C - () Método Áudio-lingual

D - () Abordagem Cognitiva

E - () Comunidade de Aprendizagem

F - () Abordagem Comunicativa

G - () Total Resposta Fisica

H - () Abordagem Lexical

I - () Abordagem Natural

J - () Não conhece nenhum dos métodos ou abordagens de ensino.

4- Os professores fizeram uso da Língua Inglesa em sala ao ministra a aula?

A - () Sim

B - () Não

C - () Parcialmente

5- Qual (s) dos procedimentos abaixo você utiliza para melhorar sua pronúncia e compreensão em Língua Inglesa:

A – () Lê livros e revistas de seu interesse;

B – () Ouve músicas em inglês;

C – () Assiste seriados e filmes legendados;

D – () Participa de sites e chats em inglês

E – () Participa de redes sociais

6- Qual é, na sua opinião, o papel do professor no desenvolvimento da atividade oral

2- Perguntas da entrevista aplicada ao aluno

1-Você já trabalha como professor de Língua Inglesa?

2-Costuma usar a Língua Inglesa para ministrar suas aulas? Por quê?

3-Você se sente preparado para comunicar-se oralmente em língua inglesa?

4- Caso não tenha proficiência na língua, você acha que é por insegurança ou deficiência no aprendizado?

3 - Formulário aplicado ao professor

Universidade Federal do Amapá

Questionário Aplicado ao Professor

1-Qual (s) habilidades você considera importante (s) que o aprendiz de Língua Inglesa desenvolva no decorrer do curso Letras – Inglês?

2-Qual (s) atividade (s) você aplica em sua sala de aula para desenvolver tal (s) habilidade (s)?

3-Qual (s) dos métodos ou abordagens de ensino você utiliza em sua sala de aula?

4-Qual (s) a (s) principal (s) dificuldade (s) você acredita que dificultam o trabalho do professor de Língua Inglesa no curso de Letras da UNIFAP?

Anexo II: Respostas do Formulário e entrevista aplicada ao Acadêmico e ao Professor.

1 – Resposta do formulário do Acadêmico

A1

“O professor tem papel fundamental no desenvolvimento da oralidade, pois além de ensinar estruturas gramaticais e vocabulário, é pelo exemplo dele que os alunos se sentirão seguros para falar. O professor deve também, estimular, dar exemplos, perguntar, tudo que objetive a fala do aluno.”

A2

“O professor desempenha um papel de suma importância para o desenvolvimento da atividade oral dos alunos, pois o mesmo deve incentivar o aluno a praticar a atividade oral e também desempenhar o papel de mediador na ora dessa prática. Mas para esse desenvolvimento ser satisfatório o aluno também precisa se esforçar e procurar praticar bastante.”

A3

“Expor sempre os seus alunos à língua de estudo. Sem essa exposição, não acredito no desenvolvimento linguístico. Sem contar que ele (a) deve sempre ser um guia. Fica a critério dele usar podcasts, músicas, filmes, sites e etc. Infelizmente , pouco foi feito em torno disso”

A4

“O professor possui um papel de suma importância no desenvolvimento da atividade oral com seus alunos, pois utilizando suas ferramentas e seu conhecimento os discentes poderão desenvolver a habilidade oral.”

A5

“O professor é o agente principal no desenvolvimento da atividade oral, pois não deve incentivar apenas as habilidades de escuta e escrita, mas também a oralidade dos alunos. Em comparação com, por exemplo, a UFPA, que cobra dos graduandos todas as habilidades, até mesmo na apresentação e confecção dos TCCs totalmente em inglês, a UNIFAP não cobra o mesmo, não procura focar na oralidade, a qual é fundamental na formação do profissional de Língua Inglesa.”

A6

“O professor deve ser o principal incentivador no desenvolvimento da atividade oral, pois o aluno tende a não exercitar com frequência a oralidade, muitas vezes por falta de prática e incentivo; o professor é visto como detentor do conhecimento, ou seja, como alguém que conhece profundamente o uso da língua estrangeira, devendo, portanto, ser o maior incentivador da prática oral.”

A7

“Fazer com que o aluno, desenvolva a oralidade que a língua exige para que o aluno possa assim ter mais domínio e segurança no momento que precisar exercitar o seu inglês.”

A8

“O papel do professor é acima de tudo promover verdadeiramente atividades que possam contribuir de forma significativa no desenvolvimento da linguagem oral, considerando que muitas vezes esse tipo de atividade traz ao aluno muita insegurança.”

A9

“Estabelecer uma maior intimidade dos alunos com a língua estrangeira por meio do incentivo à atividade oral, e propor exercícios que necessitem da oralidade em fatos do cotidiano. A aquisição de uma língua que não é materna é complexa e aborda apenas 1 ou 2 das 4 habilidades forma um falante deficiente.”

A10

“Exercer a função de mediador entre o novo idioma e o aluno, visto que para o desenvolvimento da habilidade oral o aluno precisa de segurança e confiança.”

A11

“Considerando o fato de não termos indivíduos nativos, ao professor cabe orientar, mediar, direcionar o aprendizado. A correção fonética também é muitíssimo relevante neste processo.”

A12

“Estimular a oralidade nas atividades em sala.”

A13

“Não respondeu”

A14

“O professor tem papel de direcionador e estimulador nas atividades orais, ou quaisquer que sejam, a fim de levar o aluno a boa aprendizagem da língua estrangeira.”

A15

“No desenvolvimento da atividade oral o professor é fundamental, pois ele saberá atingir determinada habilidade em que o aluno necessita desenvolver, + visto que ele verificará a competência do aluno por meio das atividades e propostas trabalhadas.”

A16

“Instigar, incentivar o aluno ao gosto pela língua estrangeira, como algo divertido e prazeroso.”

A17

“O de dominar a oralidade e o conteúdo. Assim, também, além de ensinar com mais facilidade, facilita no momento do desenvolvimento do aluno. E para que haja o

desenvolvimento e interesse do aluno, esse professor deve buscar meios ou recursos, como uma boa metodologia de ensino.”

2 - Respostas da entrevista do acadêmico (vídeo)

V1-Sim, eu já estive em sala de aula, mas no momento não me encontro em sala de aula, eu estou apenas estudando. Eu alternava língua estrangeira e língua portuguesa até porque os alunos não tem esse domínio para entender tudo que se fala em língua inglesa, então eu procurava alternar.

Eu não diria que tenho cem por cento de segurança na minha oralidade. Mas, Um pouco de deficiência e insegurança também, porque pra ensinar, em si, pra passar pro aluno a língua inglesa eu tenho plena convicção de que eu passo isso bem, agora pra mim me comunicar com uma pessoa de origem inglesa o nativo do inglês eu creio que eu teria um pouco de dificuldade.

V2- Não. Um pouco nível intermediário. É insegurança.

V3- Não, nunca trabalhei como professora de língua estrangeira. Olha, a minha comunicação oral eu não considero das melhores. Não. A minha análise pessoal é que é por insegurança porque eu consigo compreender a oralidade e ler muito bem.

V4- Não. Regular, não totalmente, parcialmente. Porque a gente trabalha quatro anos e meio né, a gente tem esse período, não é possível que a gente não saia pelo menos falando alguma coisa. Pode ser as duas coisas um pouco de deficiência, acredito que sim, tem um pouco de deficiência a grade curricular né porque não tem material específico agora que eles vieram adquirir o material né em relação ao nosso

conteúdo de língua Inglesa, literatura não tem o material também específico, nem literatura Americana, nem literatura Inglesa porque são três de literatura Americana e três de Literatura Inglesa, então isso dificulta um pouco a nossa aprendizagem.

V5- Não, nunca trabalhei como professor de Inglês. Não o bastante eu acho que enquanto eu não entrar em sala de aula eu não vou me sentir tão preparado assim. Não talvez seja uma questão mesmo de insegurança talvez isso com a prática vá se extinguindo.

V6- Não. Não. Porque, na verdade, é uma questão de insegurança e deficiência também no sentido do que é ensinado, né. Porque aqui na Universidade, eu compreendo isso, eu acho que o foco principal da Universidade não é preparar pra comunicação nós somos preparados pra ensinar tem coisas que nós temos que buscar por nossa própria conta e em certos momentos também a universidade deixa um pouco a desejar em alguns quesitos nesse ponto do ensino, eu acho que... é um pouco de... Falta mais dedicação minha também que não é uma coisa que eu carrego com uma intenção de ser professor de língua inglesa mais gostaria de aprender a me comunicar bem em inglês só que eu não tive tempo suficiente pra isso, e também tem a questão da universidade de certa forma ela não te motiva né. Acaba te desmotivando ao invés de buscar uma motivação... É mais ou menos isso. Deficiência.

V7- Não. Não, porque eu acho assim como dizem... É de mais de deficiência porque por mais que a gente estude na universidade, pegue as aulas, faça todos os níveis... Pelo menos com quem a gente conversa dentro de sala, nas outras turmas também, a gente sente essa deficiência. Essa insegurança por ter essa deficiência, na

verdade. A insegurança é por essa e a gente percebe que muitos alunos comentando, muitos colegas nossos que podem procuram fora, né? Eu até procurei, mas eu ainda não consegui ainda pagar um cursinho de inglês, um curso mesmo de língua porque é a partir daí que você pode mesmo se sentir segura e tirar todas as deficiências.

V8- Não. Não me sinto porque na verdade meu objetivo em entrar na universidade foi mais o Português e a Literatura como tinha uma língua estrangeira tem que fazer só que eu não estou preparada... Pelas duas coisas, acredito que todo mundo que tá na turma é sempre procura fazer um cursinho extra porque a universidade não possui a capacidade suficiente par dar uma aula assim como a de cursinho que a gente consiga adquirir o conteúdo, entender. Entendeu? Tanto que a maioria da turma ou tão fazendo, ou já fez, ou os que não fez ,como eu, vai pagar pra fazer cursinho.

V9- Não. Não, eu creio que... Insegurança pela falta do interesse porque o meu interesse não era o Inglês e sim a Língua Portuguesa, mas como o curso, de certa forma, nós temos que fazer também o Inglês. Mas aí a opção minha mesmo é a Língua Português e a Literatura talvez seja por isso que eu não tenha focado pro lado do Inglês.

V10- Eu comecei agora recente, essa semana, a trabalhar na escola que eu me formei no curso de Inglês uma turma de adolescentes. Pouco, razoável porque são adolescentes e geralmente quando usa muito o Inglês eles sentem muita dificuldade, mas geralmente quando eu uso o Inglês logo em seguida eu venho logo com a tradução. Sim, sim.

V11- *Já. Sim. Por causa da metodologia exigida pela escola eu dê aula numa escola de curso livre que tem metodologia própria e a metodologia da escola é trabalhar o inglês de “Inglês pra Inglês” levando o aluno a pensar. Tenho, adquiri com o tempo.*

V12- *Sim. Sim, porque a gente esta trabalhando com língua estrangeira, então tem que esta em contato com a língua constantemente né? Seja oralmente, ou na escrita, ou trabalhando com a imagem, mas é a linguagem, né? Verbal ou não verbal é sempre importante pra área do ensino porque sem ela a aula se tornaria... Não cem por cento, ainda tenho algumas dificuldades algumas limitações mas, dá pra dá uma boa aula.*

V13- *Sim a mais de cinco anos, já. Todo tempo, não importa o nível. se for criança, se for adulto. Eu acho que quanto mais exposição você dá aos seus alunos é melhor. Sim*

3 – Respostas do formulário do professor

Professor 1:

1- *Falar e escrever*

2- *Exercícios orais e escritos*

3- *Abordagem comunicativa e atividades centradas no aluno, tanto quanto possível.*

4- *A falta de conhecimento prévio dos alunos.*

Professor 2:

1- *Todos.*

2- *Filmes, vídeos, curta metragem- oral, listening, (...) compositions (redações)- escrita; (...) Leitura de textos, (...) obras, livros- escrita; músicas, jogos, CD Rom (...)*

3- *Abordagem comunicativa. Método da repetição também é importante.*

4- *A falta de dedicação dos alunos o desestímulo do aluno e do professor. Falta de materiais, livros disponíveis. Acessibilidade ao laboratório de línguas (ambiente que falta higienização). Principalmente: poucos alunos dominam o Inglês. Muitos entram na universidade sem ter conhecimento do básico da língua Inglesa. A Universidade não é isso! O aluno entrar achando-querendo aprender o “bê-á-bá” é o que mais dificulta (desestimula) o trabalho do professor. A solução? Nivelar as turmas.*

Projetos que deem a oportunidade- ofereçam o básico. Intermediário para o acadêmico, paralelos ao curso de Letras.